“Crónica de um fado insulano”

ao João de Melo, aos amigos de Cabo Verde

Insulano será meu fado.

Neste barco, neste sonho. Na inquieta maresia da voz do poeta. Ao longe uma canoa. Velhos baleeiros rasgam as ondas alterosas do mar soberano. Mau tempo. Nas vertentes da ilha um céu inconstante recorta a silhueta de mulheres cobertas por xailes negros, silenciosas sentinelas de basalto. Uma luz crepuscular vem amansar a toada das marés. É uma calmaria breve que, de repente, se agita num sobressalto: a dança lenta e majestosa do leviatã, a viagem, a vertigem do arpão num ritual de sangue e ousadia. Quem são estes baleeiros? Em cada ruga esculpida pelo tempo pressinto uma carta de marear, um atlântico destino, talvez o cais de uma ilha de fogo. Talvez, num olhar de lonjura, os ecos de uma doce melodia das ilhas de Cabo Verde. Irão navegar antigos portulanos nas incertas rotas de New Bedford? Irão perder-se no mar imenso, no rumo aziago de Moby Dick, a baleia branca? Insulano será meu fado. Ao desvendar lagos, lendas e mitos na fantasmagórica coreografia do nevoeiro. No mistério telúrico de 7 cidades serei arcebispo nigromante a invocar danações e alquimias que ficaram a latejar na memória do tempo. Na ilha dos escravos serei mestre e anfitrião de um Arlequim náufrago, submerso herdeiro da maresia. Insulano será meu fado. Na voz e no rosto desta gente feliz com lágrimas. Irei partilhar suas dispersas latitudes, seus amores desencontrados, suas feridas coloniais. Irei navegar suas errâncias, seus regressos, seu pranto feliz derramado à flor da terra, à flor do mar. Na ferrugem dos dias serei melancólico relojoeiro a consertar o tempo, a contrabandear na engrenagem de ponteiros parados as horas adiadas dos sonhos sem rumo. Irei também navegar as rotas da utopia. Num improvável périplo entre a ilha do Corvo e Santiago do Chile serei venturoso livreiro a revelar ao mundo a translúcida poesia de Pablo Neruda. Poderei ser em 1427, gajeiro na caravela de Diogo de Silves, avistando por entre a bruma da manhã a ilha de Santa Maria. Serei emigrante, “calafona”, maestro de uma orquestra invisível. Nas têmperas de sal do pintor atlante serei mulher com rabo de peixe, homem com rosto de cão. Poderei mesmo ser Ulisses no seu adiado regresso a Ítaca. Insulano será meu fado, neste bailado pendular entre a luz e o coração das trevas. “Semeador de sombras e quebrantos” escreveu Anthero. Sob a âncora da esperança os seus olhos claros irão espelhar todas as feridas do mundo. Um tiro. Dois tiros. “Silêncio escuridão e nada mais”. Mas agora que o sol vem celebrar o mar eterno na voz luminosa de D. Djutta Ben-David, vou fundear meu violão, minha galera, vou estender o meu cansaço nas areias brancas desta praia. Insulano será meu fado. Minha morna.